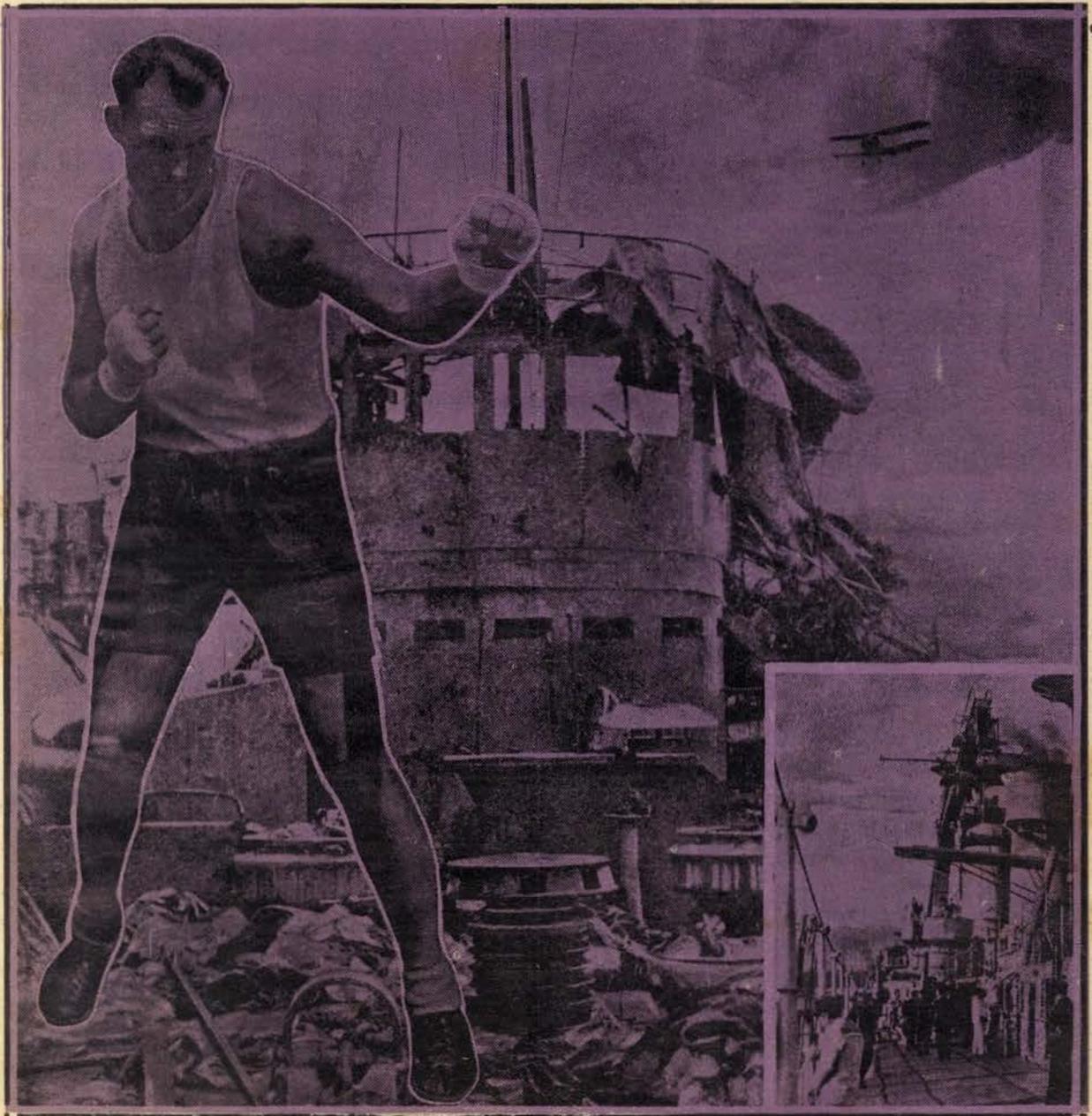


Semanário de
Actualidades e Reportagens
N.º 111 — ANO III

Preço 1 Escudo

reportagem.

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NUMERO: Homens e Factos do Dia — Os segredos do Carnaval — O box trágico — Uma fábrica de casamentos em Portugal — A tragédia do «Zeven-Provincien» — Os segredos trágicos do terror cubano, etc., etc.

ESPECTACULOS

DE LISBOA

TEATROS

Nacional — A engraçadíssima comédia, «O homem das calças pardas».

Politeama — A esplêndida revista, «Terra de cantigas».

Avenida — A grande revista carnavalesca, «Tu cá, tu lá»!

Variiedades — Durante os dias de carnaval, espectáculos cheios de bom humor.

Trindade — Os espectáculos mais fofos e próprios da época, com a encantadora revista «Tip Top».

CINEMAS

S. Luiz — O engraçado filme cómico, «Maré de sorte» e Variiedades.

Tivoli — O grande ídolo Harold Lloyd — no filme «Louco por cinema».

Condes — Duas hilariantes farsas «A mulher do meu noivo» e «Precisa-se de um filho».

Palácio — A impagável, comédia, «Os cinco do Jazz».

Olimpia — Durante a época carnavalesca: «Era uma vez uma valsa», «A milícia da Paz» e «Pat e Patachon musicos ambulantes».

Cine Ginásio e Royal — O grandioso filme cómico de Pamplinas, «O amante improvizado».

DO PORTO

Teatro Sá da Bandeira — Em retumbante sucesso «Pim-Pam-Pum», da Companhia Estevam Amarante.

Teatro Carlos Alberto — Em pleno agrado a Companhia Luísa Satanela, com «Areias de Portugal».

S. João — O esplendido fonofilm de Anny Ondra, «A menina do Harmónio».

Salão Trindade — O impagável filme cómico, «O rei dos Vigaristas».

Olimpia — Durante o carnaval, três grandes noites de folia.

Rivoli — A grandiosa super produção, «Código Penal».

Batalha — O encantador fonofilm, «Sua esposa perante Deus».

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :

Sai às sextas-feiras e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua Sampaio Bruno, 12-5.º
PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144 - A - Porto

3 meses — série de 12 números

Esc. 21850

6 " — " — " 25 "

Esc. 22850

12 " — " — " 50 "

Esc. 44850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os
respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

Preços com grande PREJUÍZO
por dissolução judicial
LIQUIDAÇÃO FORÇADA

SOBRETUDOS

Feitos. Milhares em tôdas as qualidades e medidas

GABARDINES

Impermeáveis. Milhares e milhares.

O maior de todos os sortidos

NÃO CONFUNDIR:

LEÃO DA MODA

(Mesmo em frente do Mercado do Bolhão)

373 — Rua Sá da Bandeira — 373 — PORTO

BREVEMENTE:

Memórias de um ex-morfinómano

Livro de sensacionais revelações

Pelo **REPORTER X**

DOIS jornalistas ilustres — uma senhora que herdou um dos nomes mais gloriosos da nossa imprensa panfletária — D. Carolina de Homem-Cristo, — e um dos nossos melhores articulistas — sr. Armando Cruz — lançaram, quasi simultaneamente, um S. O. S. de piedade em favor de três entes que o Destino ou a maldade dos Homens lançou na lenta agonia do Cárcere: Maria do Sol — essa Camponeza, heróicamente honrada, que castigou a tiro o canalha gabarola que difamava a sua dignidade de esposa e envenenava a paz sagrada do seu lar; e os dois inculcados do crime da Pôça das Feiticeiras.

Antes de mais nada, curvemo-nos ante a nobre atitude de justiça e de generosidade que toma, a nossos olhos, a alma desses dois jornalistas, mais bela do que o seu talento profissional e aproveitemos o seu exemplo para os auxiliar na sua boa cruzada.

Deus e as leis dizem: «Não matarás!» Não discuto já, se existem homicídios que dignificam o criminoso — mas ousou pensar que o quinto mandamento não se refere apenas aos desgraçados que, como essa nobre esposa plebeia, castigam, sob o impulso irrepri-mível da sua Dor e da sua legítima indignação, o infame que os tiranisa e lhes destroem por sadismo moral, por despeito ou por cubiça, a reputação, o amor, o lar immaculados. Ouso pensar que a sociedade organizada, que todos os seus engenhos, dirigidos por homens que devem agir com a serenidade de pilotos e cuja responsabilidade é, por isso mesmo, muito maior, não tendo sequer os atenuantes ou a explicação fácil de um arrebatamento ou de um ódio bem humano — não podem, não devem matar... E contudo quantos crimes não se cometem em holocausto ao... «não matarás?» Entre a morte dessa mulher que vive entre os ferros da lei e a morte do pulha que ela matou — qual é a mais digna do castigo de Deus e dos Homens de Consciência? Que sentença se devia então aplicar aos que engendraram, a frio, através do cálculo vil das suas ambições pessoais — o assassinato dos doze milhões de vítimas da grande guerra — e aos que, hoje mesmo, afiam, na sombra das chancelarias, o crime monstruoso de novas guerras?

Maria do Sol e Dolores

O caso de Maria do Sol recorda essa obra prima da dramaturgia espanhola — «La Dolores», que Febo y Codina escreveu em 1886, que o maestro Breton, mais tarde, transformou numa das suas óperas mais célebres — e que certos críticos apontam como prova flagrante de um plágio feito por um discutidíssimo autor português moderno... «La Dolores», foi inspirada numa copla popular aragonesa...

Se fores a Calatayu
Pergunta por la Dolores
... uma chica muy guapa
y amiga de hacer favores...

La Dolores, era vítima de um valentão da aldeia, figaro — tenorio irresistível, que não podia tolerar que houvesse uma honra de mulher, mais forte do que a sua prosápia de conquistador... Dolores fuge-lhe, vai para Calatayu, emprega-se como criada de uma fonda... A sua beleza sensual e sábia é iman de grandes paixões. O ricaço mais poderoso da terra — tenta seduzi-la com os seus presentes; o sargento que comanda a guarda local, fanfarrão de mil basofias, procura vence-la pelo quixotismo fantasioso das suas proezas de manton; e a todos Dolores se esquivava, avara da sua virtude e na ilusão de que uma virtude seja, um dia o prémio de um amor sincero e digno. Mas o outro, o algoz da sua mocidade, não abdicou, não lhe perdoou, persegue-a sempre... Numa noite de feliz ins-



N.º III — ANO III

Sexta-feira, 24 de Fevereiro de 1933

REDACTORES NO PORTO

Reinaldo Ferreira (Reporter X)

Fernando Cal

J. Vieira Alves

Hugo Rocha

Guido Severo

Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA

Alfredo Marques | Noberto Araujo

Artur Portela | Sá Pereira

Jaime Brazil | Santos Vieira

esse que Dolores não pensou... Era o sobrinho da patrão, um orfão martirizado pela generosidade da tutora, que quizer fazer dele um sacerdote. Virgem de todos os afectos feminizados de mãe e dos de amante, seminarista resignado, abafando sob a máscara de menino do côro, todas as rebeldias da sua

HOMENS

&

FACTOS DO DIA

piração poética, o figaro-tenorio, entre copos de vinho, gargalhadas e aplausos dos adutores — cria a copla maldita... «Se fores a Calatayu»... Estava lançado fogo, à mecha da difamação... A copla crepitou, alastrou-se, repetida, primeiro pelo séquito de covardes que cercava o artista da infamia; depois pelas tabernas e por fim num coro geral que era incêndio imenso que sitiava a honra e a alma de Dolores — ...«chica muy guapa y amiga de hacer favores!»... Havia até peregrinos de amor, que percorriam distâncias enormes e que iam expressamente a Calatayu «perguntavam por la Dolores»... E Dolores repelindo todos, chorava a sua deshonra, a sua fraqueza, a sua impotência de mulher, ante a força do canalha que se vingava e dos miseráveis que colaboravam na sua vingança, cantarolando, noite e dia, a copla caluniadora. Na vertigem do seu desespero, pensou tudo perder em troca do silêncio; esmagar aquela copla — mesmo ao preço paradoxal de a tornar... verdadeira; ceder aos que a cortejavam sob a condição de castigarem o poeta da calúnia... Tateou o coração e a coragem do ricaço, do sargento-fanfarrão, do moralista, de todos os homens que lhe ofereciam ouro, valentias, amor, sacrifícios — ao cambio dos seus encantos de mulher bela... E todos eles titubiaram, impalideceram, se acovardaram — desistiram — ante a expectativa de se defrontarem com o barbeiro — «majo», o «valentão» o pulha! Todos — não! Existia um homem —

carne moça, sacrificando todas as aspirações, devido à gratidão da parente que o salvara da fome e da miséria — via, sem se indignar, a môsa dos homens-machos da terra, que o apedrejavam de insultos, alcinhando-o de «sacrista», «anjo da virgem», «menino do côro»... E quando a pobre Dolores sentiu sobre a carne o hálito da fera e não encontrou quem tivesse, pelo menos, o pudor másculo de a defender — um acidente obrigou-a a olhar, com olhos de mulher, para o seminarista...

Improvizou-se uma corrida de touros em Calatayu; o barbeiro-tenorio e o sargento-parlapatão ofereceram-se como belmontes-amadores...

A audácia foi paga a preço de sangue; o sargento estava sob as hastas do toiro e o público reclamou, aos gritos, um valente que saltasse à pista, para salvar el diestro em perigo...

O barbeiro recuou...

O seminarista desencanta uma navalha — e como o «Custódio» da «Severa» — pula para o redondel e arriscando a vida, derruba a fera e arranca-lhe a presa...

Só nesse momento Dolores recorda certos olhares pouco sacerdotais que o pobre seminarista lhe lançava, a medo... Só nesse momento Dolores

(Continúa na página seguinte).

HOMENS & FACTOS DO DIA

(continuação)

compreendeu que havia, junto dela, um homem... Revelou-lhe a sua tragédia... E o seminarista, o «menino do óbro», o «anjo da virgem», surgindo frente ao valentão, ao caluniador, derrubou-o como derrubara a besta — no redondel da praça. E quando o prenderam, a Dolores se ajoelhou a seus pés, suplicando-lhe perdão por o ter arrastado ao crime — ele respondeu-lhe: — «não me lamente, Dolores... vou ser mais feliz no cárcere, do que seria no seminário — porque vou para o cárcere na doce certeza de que esse miserável já não pode atormentar-te com a sua copla»...

A sociedade defende-se

A pobre Maria do Sol não teve um homem — ou um «menino de côrc», como Dolores — que saísse ao caminho do assassino da sua honra e do socôgo do seu lar, sem mancha... Nem sequer o marido a defendeu — o marido que era o único amor da sua vida limpa e que, na inquisição da dívida ateadada pelo difamador, era tão vítima da infâmia como ela. E por isso Maria do Sol matou e foi condenada...

As leis foram feitas para garantir a sociedade contra os seus inimigos. Mas era a Maria do Sol uma inimiga da sociedade, por defender a sua honra? Mas as leis, condenando Maria do Sol — não reabilitam o verdadeiro criminoso; não encorajam todos os abrutidos da honra, não prejudicam, sobretudo, a própria sociedade?

Moliere abre um parentesis

Que os dois condenados como autores do crime da Pôça das Feiticeiras, estão inocentes? Não sei... Nunca quis tratar dêsse aflitivo e tenebroso grand-guignol... Existem, porém, sintomas suficientemente eloquentes, para que as consciências puras não estejam tranqüilas. A minha pelo menos, não está — e a única responsabilidade que me cabe é a da minha apatia e do meu silêncio profissional, sobre o drama...

... Moliere, quando foi acusado de ofensas irremediáveis contra a religião, por ter escrito o «Tartufo» — protestou com energia. Ignoro se o seu inflamado melindre seria sincero... Moliere era um comediante — e de génio — e os comediantes, mesmo os mediocres, são escravos do mecanismo histriónico que os obriga a representar, mesmo fora dos tabladões. O que sei, sim, é que Moliere se defendeu com lógica.

— «É falso que eu seja herético! Sou até um bom católico! Não ataco a fé dos que creem, a religião dos que a praticam com fé! Acuso apenas os hipócritas que se servem da fé como duma máscara, da religião como dum punhal! Acuso os falsos crentes; acuso, em suma, os... tartufos!»

Moliere pagou caro a audácia da sua peça e a defesa que fez dela! Os «tartufos» não deixaram repousar o seu corpo em terreno sagrado. O exemplo do admirável ironista do «Bourgeois-Gentilhomme» obriga-me, às vezes, a ser pru-

dente... Eu não temo o destino que os tartufos modernos possam dar à minha carcassa... Tem apenas que me expulsem, em vida, dêsse cemitério de vivos que é... a liberdade...

Não basta estar inocente!

Não sei como foi que a alma de Moliere, reencarnada num episódio seu, veio interromper-me a crónica... Perdoem-me — ou antes perdoem-lhe...

... Ora, ia eu dizendo que tenho pelo velho e poderoso Templo da Justiça, e seus sacerdotes, o mesmo respeito que Moliere sentia pela Igreja Verdadeira e pelos seus verdadeiros ministros. Portanto ao pretender afinar as minhas fífias jornalísticas com a Marselheza dos que defendem generosamente os condenados da Pôça das Feiticeiras — não quero cometer a menor heresia contra o dogma da lei e dos seus representantes. Mas é que a lei, como todos os dogmas — infalíveis para quem tem o dever de os cumprir — necessitam, de tempos a tempos, purificarem-se pelo filtro da dúvida dos sismáticos...

Pode manter-se uma sentença, indiscutivelmente honrada pela sua sinceridade e pelas razões enganadoras do momento — quando, contra ela, surge provas fortes da inocência dos réus?

Pode! A culpa não é dos juizes! A culpa é do dogma, da engrenagem complexa, insensível e hermética da lei! E o símbolo berrante dêsse dogma está no caso da Rua 20 de Abril. Foi dos que — confesso-o com a coragem que Deus me deu — negavam a inocência do chauffeur Gouveia, dos que exigiam um castigo exemplaríssimo. Mas um dia a inocência de Gouveia provou-se com tal clareza — que me convenceu e me arrependi do ardor do meu errado e injusto ataque! Mas: o verdadeiro matador aparece e confessa espontaneamente o seu crime — muito menor ao de ter deixado condenar em seu lugar outro homem...

Este imprevisito emocionante e vulgaríssimo no último acto de todos os dramalhões do velho «Príncipe Real» de Lisboa e do «Ambigu» de Paris — é sempre rematado, quer na ficção dos teatros quer na lógica e consciência dos espectadores, pela imediata liberdade do mártir, injustamente condenado pela cilada das aparências. Na vida real — é outro o remate... Sejam quais forem as provas evidentes da inocência que surjam depois da sentença — o réu continuará o inferno do seu degrêdo, o criminoso confesso continuará a gosar o paraizo da sua impunidade — até que o dogma permita trocar o justo pelo pecador... Levará meses, levará anos, pode mesmo prolongar-se até à inutilidade... E, repito, a culpa não é dos juizes — é do dogma!

Bem sei! A sociedade necessita defender-se... Mas quantas vezes uma absolvição incerta não a defenderia melhor do que uma condenação... justa — mas dogmática! Ah! A Sociedade!

O sr. Visconde de Ouguella

Outro espírito põe em transe a minha pena abrindo um oásis na crónica. É o do Visconde de Ouguella. Diz o autor do «Último Carasco»: ... «A inquisição era doce, suave e meiga na forma — como o são tôdas as medonhas infâmias e tôdas as fundas hipocrisias! Conta-se do crocodilo, que imita, nos juncaes, os gemidos infantis da criança que se afoga, para arrastar os covações generosos a acudir-lhes — e devorá-los!»

Estas frases não são minhas — são do sr. Visconde de Ouguella...

Um caso como tantos...

Com que cruéis paradoxos não nos surpreende o dogma da lei! O episódio a que vou referir-me data do início da minha carreira, há quasi desanove anos! (Desanove anos de jornalismo! Que velho sou!)

Nos fins do século passado cometeu-se um crime de morte no Bombarral. As investigações, invadindo o labirinto do mistério desembocaram numa certeza e numa dúvida. O crime envolvia dois homens. Um — era indiscutivelmente o assassino, o outro... devia ter sido talvez o seu cúmplice. O criminoso indiscutível conseguiu fugir para a América; o seu pretense colaborador foi preso e condenado a pena maior... Rodam os anos que a lei marca como garantia da impunidade dos que tem a ventura de escoar-se pelas suas malhas. O assassino regressa à pátria, rico, anafado, feliz — sem temores que a Sociedade o castigue e em labaredas na consciência — que é pela consciência, e em vida, que o Inferno costuma chancelar a vermelho os que já lhe pertencem! E um dia, sabe Deus levado porque satânico capricho, entra risonho, tranqüilo como um justo, na Penitenciária de Lisboa e pede para falar ao penitenciário — ao seu companheiro, na tragédia esquecida. Que se visiona a emoção e a revolta daquele que era, ou não, o seu cúmplice, mas de quem a sepultura de vivos fizera um cadáver apenas galvanizado por um teimoso fenómeno de circulação — ao defrontar-se com o indiscutível autor do crime que ele estava pagando e ao vé-lo livre, impune, rico, feliz, anafado — tranqüilo! Que se visiona o que essa pobre alma sentiria então pelo dogma, pela sociedade!

Piedade!

Tenho dito mais duma vez que os casos isolados só me interessam como pretexto de ataque às grandes causas — aos problemas gerais. Imensa é a minha piedade pelos condenados do Crime da Pôça das Feiticeiras! Mas o obter-se a revisão do seu processo, a prova da sua inocência, a sua liberdade, a sua reabilitação — não me basta! E não me basta porque não posso olvidar o «Calisto» cigano, o Rei das

— Continua na página número 14 —

O box tragico e a morte de Schaaf

Uma entrevista com o "boxeur"-polícia, Paulo Rodrigues



O perfil duro, de Primo Carnera

A tragédia que ensanguentou um ring americano — a morte do *boxeur* Schaaf pelo campeão italiano Carnera — não é inédita na martiriologia (?) do *box*. Víctor Hugo, no seu *Homme que rit* evocamos um club londrino, do século XVII, onde os lordes se divertiam organizando *matches* entre os mais herculeos dos seus criados — *matches* que só findavam pelo assassinato dum dos pugilistas...

O que tornou mais emocionante o episódio recente foi a dúvida que a prisão de Carnera provocou no público. Teria o gigante italiano usado de qualquer *truc* desleal e criminoso — para abater o adversário? Mesmo que assim seja — tam pouco o caso seria inédito! O «Reporter X» recordou, há tempos, certos escândalos desse género nos bastidores do *box* inglês. E ainda há poucos meses na Alemanha foi abafada —

As tragédias do box — Victor Hugo e os «boxeurs» ingleses do século XVII — Os trucs e os campeões... falsificados — O caso do falso «boxeur» Erick Willy — Os casamentos e os prédios de Santa Camarão — «Boxeurs» que morrem a sôco... — Um líquido misterioso — O desenvolvimento da raça e o cavalo do inglês.

em respeito pela «nobre arte»... — a proeza de uma falsificação de campeonatos. Um *boxeur* surgia bruscamente surpreendendo os «aficionados» pelo poderio irresistível dos seus punhos. Chamava-se Erick Willy. Não revelava nem grande ciência nas suas atitudes do *ring*, nem grande fôrça muscular na sua aparência física... E contudo matraqueava por tal fôrma os rivais, que nenhum, nem os mais famosos, lhe resistiam. Houve um reporter desportivo do «Die Tempo» de Berlim, que se sentiu picado por uma suspeita — quando o cavalheiro se encontrava já a meio caminho da glória e da fortuna...

Instalou-se próximo da residência do novo «ás» do *ring* e notou que êle nas vésperas de todos os seus encontros, recebia uma visita misteriosa... Tratava-se de um médico fracassado, homem de mil engenhocas e aventuras inconfessáveis — seu sócio evidente no negócio do *box*... O famoso e jovem *boxeur* sujeitava-se a umas injeções que produziam uma dureza granítica nos punhos. Era êste o principal segredo da sua burla... Ignoramos qual foi o remate desta descoberta — mas podemos garantir que Erick Willy nunca mais teve adversário que o aceitasse no *ring*...

Quanto a Carnera...

* * *

Como não somos, graças a Deus, nem profissionais nem *aficionados* do *box* — pensamos que quem melhor podia comentar a tragédia seria um *boxeur* autêntico. Santa Camarão — o ideal jornalístico nêstes transe, está longe, muito longe — e na América do Norte onde se casou, e donde tem enviado imensos dolars já meio transformados numa série de prédios na Rua Fernandes Tomás, na cidade do Pôrto — está tratando de se divorciar — segundo se

diz, para vir casar a Portugal com a noiva que aqui deixou e não o esqueceu nunca...

A falta de Santa Camarão — procuramos um *boxeur* amador — o simpático e popular Paulo Rodrigues, que prefere a nobre profissão de polícia-sinaleiro às glórias do pugilato. Abordamo-lo no seu posto — no seu *ring* actual — no cruzamento das ruas das Flores e Trindade Coelho — onde êle, galhardo, forte, «rosto e alma de criança num corpo de gigante» (como já alguém o definiu) regulava com imponência a emaranhada circulação citadina. Sem perder de vista os carros que subiam e desciam, — foi-nos respondendo, com uma simplicidade sincera, às nossas perguntas:

« — Não creio que Carnera recor-

Continua na página numero 7



O nosso redactor, entrevistando Paulo Rodrigues no seu novo ring de... sinaleiro.

A propósito da tragédia do "Zeven-Provincien"

A história da pirataria holandesa e a revolta do "Karatarin" em 1730, que os portugueses de Pernambuco ajudaram e que o almirante Von Wirtz dominou com a mesma crueldade sangrenta do "Zeven-Provincien"

A recente revolta dos marinheiros holandeses — e o modo brutal, cruel, sangrento, com que as autoridades dominaram os rebeldes do cruzador «Zeven Provincien» — puzeram em foco a marinha desse minúsculo país — cujas tradições navais se acercam um pouco das nossas — pela audácia e brilho dos seus heróis. Mas se a Holanda, através dos séculos, exhibe alguns marinheiros que recordam os nossos — que diferença imensa entre aqueles e estes pela falta de nobreza e de coração dos holandeses... Povo condenado a uma terra esquiva, roída constantemente pelo mar que a prefura e ameaça engulir-la, nas fúrias apocalípticas; e que ele, com uma constância e um esforço sobre-humano, reconquista ao mar; povo ambicioso de riquezas e endurecido pela própria conquistada vida — ignora o que é a piedade — e sobretudo essa maravilha moral que é a generosidade pelas angustias dos seus semelhantes. Dum egoísmo de seita — um egoísmo tão resistente como o seu carácter e como a sua ambição; necessitando defender-se da exiguidade geográfica da sua pátria, pouco numerosos (embora com uma população superior à nossa) os holandeses, marinheiros entre os melhores, deixaram sempre

riosos do passado, os Gamas e outros, julgados através das consciências modernas e das leis actuais — iriam parar à penitenciária...

É que esse negativista ignora a História Marítima da Holanda...

Scarpani, o escritor italiano que mais e melhor profundou a crónica da pirataria — refere-se sempre aos holandeses em termos pouco lisonjeiros. Os lusos tinham descoberto e conquistado as Áfricas e, com os espanhóis, dispunham o imenso cofre de tesouros imensos que era a América. Os holandeses vinham no rastro das conquistas e descobertas alheias; e à falta de virtudes que facilitavam aos iberos as glórias e as riquezas — dos novos mundos que davam ao mundo — os holandeses assaltavam, pirateavam com a tranquilidade e a coragem de quem pratica uma acção honrada.

Vejamos o que Alberto Scarpani escreve a este respeito: «Os séculos XVII e XVIII foram decididamente, os grandes séculos dos corsários e dos piratas. Não falemos da pirataria dos argelinos em plena decadência desde que a República Veneziana perdera o seu poderio político e comercial, nem da turca — já nessa época muito apoucada. Foque-mos apenas a dos grandes mares, a do



glorificando, enriquecendo até os seus chefes mais famosos — ninguém

o ignora! Que a França orientava as proezas de «Jean Noir» e do «Barb-Jaune»; que a Inglaterra ergueu à categoria de almirante — o célebre capitão Blood — é sabido! Que a própria Espanha que — com Portugal dividira em dois a terra conhecida — e que, portanto não necessitava de deitar mãos de tais recursos — também possuía os seus corsários... «ofciosos» e «animados» pelos governos — é da História! Mas nenhum país usou e abusou da pirataria como a Holanda; e tanto assim que, não dispondo nesse século senão de possessões mui inferiores às dos outros países — as «receitas» coloniais (?), as receitas amealhadas pelos seus piratas igualam, quando não suplantam, as de Espanha, de Portugal, de Inglaterra e de França!

«No tempo de Blood, calculavam-se em quinhentas as embarcações que se dedicavam à pirataria com um total de sete a oito mil bôcas de fogo. As multidões de aventureiros, de criminosos profissionais, ou de marinheiros desencaminhados que a pirataria recrutava, somavam mais de quinze mil homens. Pois bem: só a Holanda possuía mais

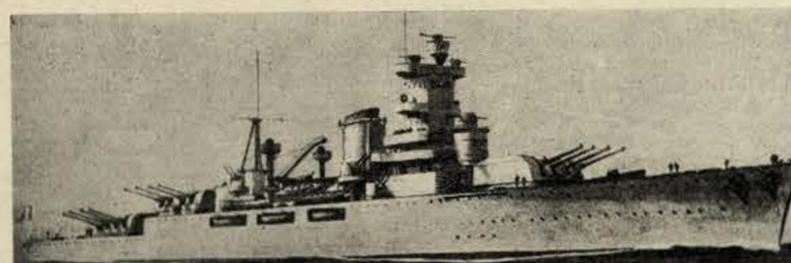
de metade desses navios, dessas bôcas de fogo, desses rapinantes do mar!»

Um episódio da marinha holandesa que recorda a tragédia do «Zeven Provincien», e no qual intervieram portugueses. É ainda Scarpani quem o revela. Em 1732 um barco da marinha de guerra — da autêntica — «Karatarin», com uma tripulação de cem homens navegava nas águas brasileiras, juntamente com outros navios... O comandante da esquadra era o almirante Conde de Brezzer — um alcoólico sanguinário e cruel com maior vocação e melhores feitos para chefe de corsários, do que para oficial de marinha de guerra. Quando a genebra excitava o seu cérebro e os seus instintos ferozes e ele não dispunha de um navio indefeço para assaltar e de marinheiros desprevenidos para chacinar — aliviava os seus ardores torturando, com voluptuosa inquisitorial, os seus próprios marinheiros.

Os castigos a que ele os sujeitava pelas menores faltas — ou mesmo sem pretexto — atingiam o satanismo, na crueldade. Um dia a tripulação revoltou-se, linchou o tirano, deitou ao

mar ou encarcerou os outros oficiais que tentaram proteger o chefe. Imediatamente o comandante de um outro barco holandês — um tal Von Wirtz — irmão gémeo do almirante pela monstruosidade do coração, apelou para três patriotas corsários, dos de mais facinorosa fama e lançou-se em perseguição do «Karatarin». Os revoltados refugiaram-se em Pernambuco — e um português ilustre, Afonso de Azevedo Calheiro, apiedado pela sorte dos holandeses perseguidos ou indignado pela crueldade dos perseguidores, juntou todas as forças que pôde e deu combate aos piratas de Von Wirtz. Foram derrotados os revoltosos e os portugueses que os defendiam, após uma luta violenta e heróica. Nela morreram trinta e tantos compatriotas nossos; e dos rebeldes holandeses, sobreviventes da batalha, como os vencedores não dispunham ainda de aeroplanos nem de bombas explosivas — quarenta e cinco foram lançados ao mar, de pés e mãos amarrados...

A história repete-se sempre, e os séculos não conseguem dulcificar os corações dos homens cruéis... sobretudo se são... holandeses.



Um comparsa da tragédia...

O BOX TRÁGICO

Continuado da página número 5

resse a um *truc*, criminoso e falso, para derrubar o adversário. Contudo não me afasto, por completo, dessa hipótese, visto saber... até por experiência — que os pugilistas estrangeiros usam,

por vezes, na sua ânsia de glória... e de dinheiro, processos pouco honrosos e dignos da «nobre arte»...
«— Um *truc* criminoso e falso? repetimos, insinuando incredulidade. Mas,

que *truc* podia o italiano inventar, para tornar os seus sócos tão violentos, como marteladas de ferro?

Paulo Rodrigues afirma então:

«— Existe um líquido — não me recordo do nome — que, aplicado nas ligaduras, antes do combate, permite ao *boxeur* apresentar-se com luvas muito macias, perante o árbitro — embora passado pouco tempo estejam duras, devido à solidificação desse mesmo líquido... Mas a verdade, é que a superioridade física de Carnera sobre Schaaf, pode bem explicar-nos o remate trágico do *match* — sem necessitarmos de suspeitar da existência dum *truc* — deste ou doutro género...»

E depois, cita-nos exemplos:

«— Há anos, no Teatro Carlos Alberto, organizou-se um desafio de *box* em que um dos pugilistas saiu do *ring* para o hospital — onde teve uma morte idêntica à do Schaaf — e estou convencido, que o vencedor, combateu lialmente.

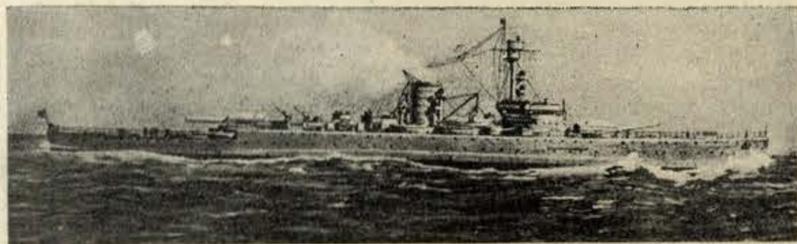
«O próprio Santa Camarão, já sofreu uma fatalidade semelhante à de Carnera... O rival era um francês — que foi por tal forma castigado pelo nosso *boxeur*, que, ao regressar a França, poucos dias resistiu aos abalos sofridos...»

E a rematar — porque as exigências do seu serviço não lhe permitiam atender-nos por mais tempo:

«— Se eu tenciono voltar ao *box*? Como amador — sim. Como profissional — nunca. Acho o *box* demasiado violento, para fazer dele profissão...»

Um comentário nosso. Que o *box* e como tantos outros *sports* exibicionistas que entusiasma as multidões, é uma necessidade para desenvolvimento das raças? Pobre Schaaf! Que *desenvolvido* ficou... em cadáver! Recordo a história do cavalo que o inglês queria habituar a não comer... Pena foi que morresse no fim do décimo dia de jejum — porque já estava quasi habituado...

S. P.



O destruído «Zeven-Provincien», pouco antes de iniciar-se o bombardeamento

um rastro de sangue sobre as águas dos mares em que navegaram...

E nós, portugueses, temos da sua crueldade, das suas ambições ilegítimas, da sua violência, amargas experiências...

Um negativista mordaz escreveu, há pouco, que quasi todos os heróis glo-



DO Carnaval está tudo dito... Tôlas as frases, todos os comentários, todos os alogues, tôdas as defesas. Porque o Carnaval mais hipócrita e burlão não é o que dura o período marcado pelo calendário, mas sim o dos trezentos e sessenta e três dias restantes, do ano! Porque a máscara mais opaca, não é aquela que os foliões afixam ao rosto no reinado do Momo, mas sim os rostos sem máscara de todos os outros, fora do Carnaval!

O que está por radiografar, são os dramas, os segredos, as farsas (paradoxo: farsas no Carnaval) que esse pano lantejulado e falso, oculta. Eis a razão porque não fazemos um artigo — mas sim uma reportagem: a reportagem dos bastidores do Carnaval!

Memórias dum «costumier»

O Carnaval é o reinado das máscaras, dos fregolismos, dos disfarces... É no Carnaval que as almas, torturadas pelas conveniências sociais, pela necessidade imperiosa de mentir — se desnudam vestindo-se — revelando através das fantasias do guarda-roupa, os segredos mais íntimos, as taras mais vergonhosas. É a liberdade para os que abafam todo o ano sob o terror de serem descobertos pelo seu semelhante e sofrem a sentença da sociedade que, fóra do Entrudo, não saberia perdoar-lhes as fraquezas. Quem melhor do que o costumier, do que o director de um guarda-roupa, nos podia *misencenar* ante a nossa curiosidade, o imenso elenco de libertos provisórios, de máscaras que caem sob as máscaras, de corpos que se desnudam quando se transformam na verdade que ocultam?...
V... — um nome gravado em tôdas as memórias portuenses, da extinta boémia literária, da boémia que Camilo organizou, na sua época — era o costumier indicado, para a entrevista... Recordo, fisicamente, um filósofo da antiga Grécia. A sua calva, o seu olhar profundo, a barba pontegudando o rosto — estão registadas na pedra, em todos os museus que recolheram os vestígios da cultura ateniense... Existe um «Sócrates» de Xemus que parece um irmão gémeo.
Há quantos anos esse Paquin do Disfarce — exerce a sua profissão? Há quantos carnavais

doloroso e triste pelo Carnaval... — disse-nos o velho e popular costumier. — Foi nesta profissão que aprendi a psicologia das multidões, o segredo das almas que se negam a si próprias...

«Muitas horas podia entretê-lo, folheando as minhas recordações — e todas elas nos levariam à mesma conclusão pessimista... Nega-se que a raça degenera, que de geração para geração, a mocidade masculina perde a dignidade física do seu sexo, que um vírus moral vai alastrando a mais aflitiva das misérias... Há trinta anos, no primeiro Carnaval em que, entre estas vitrines, entre estes *pi-rots*, *arlequins*, *chêchês*, trajas vianenses, *bébés* de tarlatana, assisti ao cortejo dos que vinham confessar os seus segredos mais íntimos — na escolha dos seus fatos; há trinta anos, dizia eu, raros eram os rapazes que alugavam trajas femininos... Hoje, mais de vinte por cento dos alugadores de fatos carnavalescos — preferem *toilettes* de mulher... Entram a medo — mas emocionados, como noivos na ante-câmara do amor... São exigentes, mas duma exigência tímida, vacilante... Uma vez enroupados, transformam-se, perdem toda a timidez, sentem-se dentro do *disfarce*, como se ele fosse um *regresso à mocidade*... O Carnaval resvala numa decadência agónica, de ano para ano; de ano para ano diminui o número dos que buscam uma ilusão nas máscaras alugadas; de ano para ano aumentam os homens que querem iludir-se e pensar iludir os seus semelhantes, mudando, temporariamente, de sexo...
«Um episódio...»

O homem que queria ser duqueza

«— Há dois anos, no sábado magro — entrou aí um cavalheiro que meia cidade tuteia e outra meia cumprimenta... Comerciante, respeitado, chefe de família tido por exemplar, pai de filhos que frequentam cafés e gosam de boa fama... Notei que, ao reconhecer-me, ao ver, em mim, uma *cara já rista* — esboçou um recuo — uma fuga. Saudei-o e indaguei pelo motivo da sua visita... Hesitou — gaguejou... «Era que...» Por fim disse-me que tinha um baile de máscaras na *garçonnière* de um amigo solteiro e que era obrigado a dar uma *escapa-*

OS SEGRÊDOS DO CARNAVAL

Por detrás das máscaras e das folias...

Dramas, episódios, farsas e números

Memórias dos que vivem do Carnaval

se debruça êle, no seu *atelier*, sobre os mistérios humanos que só se revelam nessa quadra? Quantas almas, quantos segredos, quantas mentiras, quantas verdades — não desfloram sob os seus olhos?

«— Foi nesta profissão de fornecedor de máscaras, de fantasista para os caprichos dos foliões — que comecei a cultivar um sentimento

dela — reviver numa noite, as noites alegres da sua longínqua juventude... Precisava de um fato... Mal inicii a exibição dos trapos que julgava mais apropriados — êle, sem me escutar escolheu, precipitadamente, um *palhaço* que... não estava de acordo com o seu físico nem com a sua idade... Extranhei, mas como era natural, não discuti; e finda a escolha, êle, em vez de se retirar, recomeçou com os seus titubeios, com as suas hesitações — como alguém que deseja confessar uma falta, sem que a coragem o ajude. Por último, escarlatando-se, falou-me atabalhoadamente num fato de *duqueza*, um fato que fosse um *realce de belezas femininas*, para uma senhora, já não muito nova, mas ainda vistosa... «A sua estatura deve roçar pela minha...» — acrescentou, à laia de informe; e a seguir: «É para uma dama que deseja acompanhar-me, ao tal baile». Arranjei-lhe uma *duqueza* século XVIII... Isto foi um sábado — já o disse... Domingo pela manhã, fui chamado à policia — para uma *informação*... Calcule a minha surpresa ao dar com o *respeitável comerciante*, preso em *travesti*, choramin-

gando entre guardas — trajado não com o fato de *palhaço* — mas com a *toilette* da *duqueza*, a cabeleira empoada e encanudada já caída para a nuca, a barba a começar a enegrecer-lhe as faces — sob o ridículo vermelhão do carmim e do pó de arroz, empastado... «Porque o prenderam? — indaguei do comissário» — «...surpreendido num baile clandestino, onde as *dancarinas* eram do mesmo sexo dos *dancarinos* — embora disfarçados... como êsse...».

O bébé de tarlatana côr de rosa

V..., o velho e culto costumier, enrola um cigarro francês, passeia o olhar pelas vitrines onde os trajos de todos os séculos, feitos, côres e caprichos, se expõem como corpos sem alma — e fixando por fim uma tarlatana côr de rosa — prossegue:

«— Conhecia o grande jornalista brasileiro Paulo Barreto — («João do Rio» era o pseudónimo que o popularizou) — um dos maiores reporteres que teem trabalhado no idioma português? Sim? Sabe que êle era um amante

apaixonado da nossa terra, que sempre que saía do Brazil visitava Portugal — fosse qual fosse o seu destino? Não ignora que esteve várias vezes nesta cidade, que nela passou um Carnaval?

Pois bem... Aquela tarlatana côr de rosa, aquele *bébé* plebeu e de aluguer barato, serviu-lhe de assunto e de titulo, a um dos seus contos mais discutidos — o conto que se chama precisamente o «Bébé de tarlatana» e que pertence ao seu livro «Dentro da noite»... Paulo Barreto ofereceu a narrativa a um tablado carioca: desenrola-o no Carnaval do Rio de Janeiro, contudo, foi no Pôrto, que o caso se deu...
«Um domingo de Carnaval, veio a minha casa um moço de fretes alugar um «traje de bébé» e «comprar um nariz de cartão»... Quando pedi medidas para o traje — o recadeiro, disse-me, que era um de «tarlatana côr de rosa»... Portanto a pessoa que o requisitava, devia conhecê-lo... De facto recordei-me que, no carnaval anterior, também alugara aquêle fato, através de um intermediário qualquer — tão discreto como êste — e que também levava um nariz de cartão»...

«Nessa noite, um escritor cujo nome famoso e discutido não vem para o caso, sentiu-se contagiado pelo destrambelhamento das multidões em fúria; quis desvairar também na epilepsia e no clamor dos bailes de máscaras — e arrastou consigo Paulo Barreto... Notou então, reboliando-se numa alegria louca, um «bébé de tarlatana côr de rosa»... Um corpo de formas helénicas, coava-se através o traje; dois olhos negros, inquietos, pestanudos, enormes, iluminavam o rosto gafado apenas pela monstruosidade dum nariz de cartão que o desfejava, que o enchia de ridículo, mas que intrigou mais ainda a curiosidade do escritor... O «Bébé» destacou-se como uma nota de beleza e até de distinção — entre aquêle remoinho de corpos alucinados, de fulanitos, doidivas e vadiotes embriagados... O cicerone de «João do Rio», acercou-se da «Máscara» fixada pelo seu desejo — e com o mais plebeu dos desplantes, beliscou-a num dos braços nus... O «Bébé» reviravoltou-se, soltando um grito de dor e de surpresa — e ao deffrontar-se com o agressor, ameaçou-o, de deder no ar, e os seus lábios — onde o monstruoso nariz de cartão acabava — finos, rubros como um golpe de bisturi sangrando, cheios de malícia e luz — desnudando uma dentadura imaculada... Essa ameaça, êsse sorriso, açularam mais ainda o desejo do escritor... «Mas o Bébé» abalara numa corrida, entre esguichos de bisnagas e geadas policromas de confectis — desaparecendo entre os rodopios dos bailarinos e dos foliões... Em vão o escritor a buscou toda a noite; e ao convencer-se que saíra daquele baile, saiu tam-

bém, percorreu todos os bailes, até que a manhã, o veio surpreender entre os fantasmas da alegria, que são expulsos das salas para a rua, pelas vassouras que despejam o lixo colorido das batallas...

«Aquêle «Bébé de tarlatana», tornara-se-lhe numa obsessão. Segunda feira, noite e dia, calcurreou ruas e teatros, febril, sófrego, angustiado como um amante que teme perder o maior amor da sua vida. Na terça, a morbidez da sua ansiedade, atingira o paradoxismo... Era o último dia de Carnaval — e se nesse dia não a encontrasse, perdia-a para sempre e essa perda queimar-lhe-ia a alma, como um irremediável, fatal! E já na madrugada de terça para quarta feira — quando os foliões lutam com a fadiga e com o desejo de espernearem com maior violência as últimas danças — sentiu a carne do seu braço pinçada num beliscão traiçoeiro... Ao voltar-se a emoção das grandes venturas acelerou-lhe o coração e pôs-lhe brazos no sangue... Era ela — o «Bébé de Tarlatana Côr de Rosa», com o seu nariz monstruoso a semi velar-lhe o rosto e a maravilha escultural do seu corpo, e a graça do seu sorriso, a tentarem-no mais do que nunca: — «Foi em paga daquele que me deu no domingo! — avisou a máscara — partindo de novo» Mas o escritor é que não queria perdê-la... Perseguiu-a, prendeu-a, enlaçou-a nas danças, segredou-lhe, arquejante, voluptuoso, tôdas as mágoas de amor que o seu instinto em vibração, melhor do que a sua arte de literato, soube improvisar para a seduzir... E pouco a pouco a «Bébé» ia enfraquecendo nos seus braços, aninhando-se como uma criança ensonada... E o sonho durou até alta madrugada...
«Súbito — ela desprendeuse, reagiu, evadiu-se — abalou como abalara após o primeiro encontro... Ele correu atrás dela, conseguiu segurá-la na volta duma rua... Quero-te! Amo-te! — jurava o escritor...» E ela, trêmula, numa débil defeza, tartamudeou: «Deixe-me...» Mas os seus lábios, frios e rubros, acercavam-se da outra boca, como dum iman de paixão. E o beijo consumou-se — um beijo «de emfim sós», um beijo de que as bocas são embaixadas de todo o corpo... Comprido, o

— Continua na página numero 15 —



O fantasma do Vampiro de Dusseldorf à solta?

Mártires do vício ou o vício do crime? — As grandes tragédias de «Strasbourg» e o assassinato misterioso de um pequeno vendedor de castanhas.

Um crime que apavorou toda a imprensa, um crime que mexe com os nervos, um crime que é produto do vício, dêsse vício que medra como gangrena em corpo apodrecido.

É a história triste de um pobre vendedor de castanhas, adolescente, sem idade certa, viciado e corrompido pela viciada vida dos abutres da noite.

Chamava-se Paulo Neckel e tinha a carita menineira a sorrir ao vício das corujas negras que a polícia não soube ainda encurrular nas disposições dos Códigos Penais.

Uma certa madrugada, ao descerrar do nevoeiro, toparam estendido num caminho campestre, cerca de Strasbourg, o cadáver mutilado — 27 facadas — do pequenito Paulo Neckel.

Quem o matou?

O mistério encobre este hediondo crime, como encobriu outros crimes acontecidos na mesma cidade de Strasbourg e cometidos nestes últimos meses.

Andará à solta o Vampiro de Dusseldorf?

A guilhotina não deceparia bem essa cabeça horrível que architectara tantos e tão hediondos crimes?

Ora veja-se este martirologio dos últimos tempos, nessa cidade, burgo importante de um País que tem uma polícia cientificamente organizada e uma civilização que dá luz a todo o mundo!

— Assassinada uma pequena dactilógrafa de 17 anos;

— Estrangulada uma pobre meretriz, no seu próprio quarto, por um misterioso cliente;

— Agora morto, cosido a golpes, um pobre pequenito, vítima do meio, da educação ou do vício.

E quem matou?

O vício pelo vício de matar, ou vícios acumulados que desenrolam tragédias assim, sem rasto nem luz, sem explicação ou conjectura?

* * *

A história do crime é simples. Relatam-a os jornais em ligeiras linhas.

Paulo Neckel era um vendedor ambulante, freqüentando as «boîtes» de noite, numa profissão rendosa mas que se tratava por tu com o vício e com a crápula. Dessa sua profissão viviam os pais e os irmãos.

Não se sabe até que ponto a pobre vida de Paulo Neckel era indústria explorada pelos seus próprios pais...

Há destas aberrações na miserável vida dos «quartiers» imundos.

Por cá também medra esta trágica indústria.

Há pais tão deshumanos que obrigam os filhitos a estender a mão à caridade pública e que os obrigam a realizar certa quantia diária, sob pena de rigoroso castigo:—

vergastadas ou jejuns.

Há também disto cá!...

São esses pequeninos séres que se acoitam na sombra dos portais e que noite fóra, nos surpreendem a rogar uma esmolinha «pelo amor de Deus».

«Pelo amor de Deus» e por deshumanidade dos pais, essas Bestas Humanas que a lei deixa andar à solta...

Paulo Neckel vivia esta miséria, e, por via dela, em outras misérias caíu, industrializado, imoralizado pelo vício libidinoso de certos amoraes.

Os seus hábitos e os seus costumes eram tão misteriosos como misteriosa foi a sua morte...

Uma noite, alta noite já, saíu de casa.

— Onde vais tu? pergunta-lhe o pai.

Paulo Neckel, o pequeno vendedor assassinado.

— Vender um resto de castanhas que ainda ali tenho.

Era a hora de melhor mercado para estes pequenitos comerciantes do vício, ou exploradores da compaixão humana.

Perdem-se-lhe os passos na noite nevoenta; não aparece se não de fugida,

num *cabaret*; não se lhe sabe a vida entre a uma hora e as seis da madrugada; tudo mistério.

De manhãzinha, enquanto a cidade boémia dorme e ao despertar da cidade que trabalha, o corpo crivado de facadas aparece a meio de um caminho rude.

Ajunta-se gente à roda do cadáver miúdinho. Horrôr! Aquela mutilação bárbara, escandalosa e comove.

Que fera pastára ali seus ódios ou seus vícios?...

Meio despido, rôtos os vestidos, abre-se em chagas o corpiño frio. O pescoço cortado quasi cerce, o busto todo golpeado, uma mutilação canibalesca sangue e rasgo, doidamente, furiosamente, aquele adolescente rapaz com cara de menina...

O caminho empastou-se de sangue, sangue coagulado pelo regêlo da noite.

Vem a polícia. Examina-se o cadáver:— Sinais nítidos de violência sádica.

Pobre pequenito!...

Começa o inquérito. A Polícia embrenha-se naquêlo drama. Furiosamente empenhada na descoberta do crime esquadrinha tudo:— a vida, os *cabarets*, os hábitos viciosos da cidade, êsses depravados produtos da crápula, tudo, tudo o que é cenário da vida da noite e tudo quanto representa a degenerescência dos homens.

— E então? pergunta a Imprensa ansiosa.

— Ainda nada — responde a Polícia. Lastimosamente perdeu-se uma grande pista.

A silhueta do homem fóra apercebida de bruços sobre o caminho onde se topára o corpo do pequenito Paulo Neckel.

Acudiram os visinhos.

Espavorida a sombra fugiu, fugiu muito, fugiu sempre e lá se perdeu entre o nevoeiro do rio, atravessando a ponte do «Pequeno Rheno».

Quem seria?

O assassino?

Organisou-se uma batida séria, forte, mas a sombra desaparecera para sempre.

Seria o fantasma do Vampiro de Dusseldorf?



A célebre agência Club New-York do Pôrto

Um exame retrospectivo — “Os Vermelinhos” — Uma frase ilucidativa e o mais que se verá

Prometemos no último número, prosseguir nas nossas revelações sobre o famigerado *Club de New-York* e do seu proprietário. Antes de rearmos, cumpre-nos agradecer à Ex.^{ma} Colônia espanhola, tôdas as gentilezas que nos tem prestado, facilitando ao mesmo tempo, o bom desempenho da nossa missão.

Quanto ao sr. Lamellas Dominguez, após a publicação da primeira reportagem, que tanta sensação tem causado entre os seus compatriotas, parece ter-se eclipsado.

Ter-se-á posto em fuga, seguindo o caminho mais aconselhável em semelhantes casos? Ignorámo-lo; contudo, como o prometido é justo que se cumpra, vamos continuar com o relato das nossas investigações, satisfazendo assim o desejo, de todos os subditos espanhóis, hoje justamente repugnados, com o procedimento pouco honroso, do seu patricio.

Rememorando

Em tudo é original esta reportagem! Quere pelo inéditismo do ambiente em que a sua acção decorre, já pela originalidade da sua figura principal, tem como complemento, mais esta extravagância: acabar por onde devia ter começado e vice-versa.

O leitor recorda-se, possivelmente, dessa tão célebre organização, «Os Vermelinhos», uma espécie de *bureau* destinado à cobrança de dividas e que há anos se estabeleceu nesta cidade?

Fundada por Lamellas Dominguez e destinada a perseguir os caloteiros, a sua técnica consistia em fazer surgir um *groom*, fardado de encarnado, em toda a parte onde um devedor, algum dos seus numerosísimos clientes, tivesse a infeliz ideia de apresentar-se.

Era renhida a luta entre «Os Vermelinhos» e aqueles que uma vez entregues a esta autêntica seita, se não apressassem a solver as suas dividas. Na rua, como em todos os locais de recreio e até mesmo na própria residência, o indigitado aos *Vermelinhos*, via, caminhando passo a passo, qual sombra diabólica, uma sentinela rubra, vigiando-lhe os mínimos gestos.

E o cérebro organisador, a voz que comandava, eram do sr. Lamellas, sempre originalis-

simo, nos processos de arrancar umas centenas de escudos, da bolsa do próximo.

Palavra, que algumas vezes temos pena, de sermos obrigados a desmascarar homens, dotados duma inteligência como a de Lamellas Dominguez.

Temos o culto do Belo, e, a audácia, a astú-



O sinal x indica o segundo andar do prédio da rua Santa Catarina, 269, onde se encontra instalado o famigerado “Club of New-York in Oporto”

cia, o formidável golpe de vista do sr. Lamellas, são bem dignos de admiração!

Porém, voltemos aos *Vermelinhos*. Revoltados com essa perseguição vergonhosa, furiosos com tais cobradores, alguns dos atingidos começaram ripostando, provocando incidentes mais ou menos graves. Felizmente que as autoridades puzeram cõbro a este estado de coisas, proibindo expressamente a circulação dos *Vermelinhos*, no desempenho das suas funções.

Sempre expulso

Lamellas Dominguez, que, como dissemos, possui uma cultura bastante ampla, não tem

sido sempre feliz nas suas *jongleries*. Não! Alguns enxovalhos tem sofrido, não sendo mesmo a primeira vez, que é alvo de agressões, como essa que lhe desfigurou as faces e segundo informações idóneas, o obriga a usar aquela barba patriarcal.

Sobre este respeitável adorno, quem sabe lá se dissimulação (?), existe uma frase interessante e ilucidativa, que tem perdurado na memória de quantos a ouviram.

Estando uma Assembleia geral do extinto Centro Escolar Espanhol, a deliberar sobre a expulsão de Lamellas Dominguez, um dos associados, usando da palavra, comentou: «*Se as barbas de Lamellas, representam as barbas de Cristo, são uma vergonha para o mundo e para os católicos.*»

Foi expulso, como o foi também do Centro Democrático Espanhol, da Casa de Espanha, do Centro Republicano Espanhol, e etc.

Tem sido brilhantíssima a sua carreira, como o leitor vê; porém, como não temos necessidade de levar isto de afogadilho, voltaremos ao assunto.

SANTOS PEREIRA

Os escândalos da T. S. F.

A publicar na próxima semana, por Altino Gonçalves. — Um publicista aldrabão que armou em técnico da T. S. F., enganando todos os senfilistas portugueses, etc. — Ler na próxima semana.

Ferro, Ferragens e Tintas

Gaio & C., Limitada

Successores

BAPTISTA & IRMÃO, L.^{DA}

R. Bordalo Pinheiro, 22 a 24 — COIMBRA

OS SEGRÊDOS TRÁGICOS DO TERROR CUBANO

Revelações aflitivas sôbre os "Scarpas,, do presidente Machado, feitas por um foragido ao inferno de Cuba e de passagem por Portugal

É moço ainda — vinte e cinco anos talvez — dum moreno suspeito, agravado pelos cabelos crespos e anelados e pela moldagem craneana que recorda a dos desgraçados que os traficantes de homens, arrastavam da África para a América — nos longos séculos da escravatura. À parte estes estigmas — os seus olhos são claros, vivos, europeus, escandinavos — ocultando por detrás da sua máscara apreensiva, dolorosa quâsi — uma expressão *gavroche*, um sorriso bem parisiense, estilo Chevalier que devia ser o *ex-libris* da sua primitiva fisionomia, da sua anterior personalidade... O que dêle sei e o que dêle ouvi bem explicava essa metáfora, a decadência dessa expressão agarotada e o poente dêsse sorriso...

... Ao escutar as minhas palavras — sobressalta-se, dilata os olhos azues, escancara a boca num mixto de pasmo e de pânico — e pergunta, anciosamente: «— Quem lhe disse que eu era... cubano?»

Soceguei-o; descrevi-lhe o acaso que me pusera na sua pista e o que desejava dêle. E como caísse num silêncio macambuzio, birrento — sintomático da derrota das minhas pretensões jornalísticas — arrisquei...

«— Qual é o motivo dos seus temores? Porque êsse alarme ante a revelação da sua nacionalidade? O facto de V. ser um exilado político — não é crime que necessite blindar-se em segrêdo, visto que se encontra num país hospitaleiro e generoso... Não ignora que Portugal acolheu ainda há pouco os espanhóis evadidos de Vila Cisneros e os mais desacatados revoltosos do Brazil... Cuba está longe — e as garras dos janizaros de Machado não se podem alongar através do Atlântico para se enclavinharem sôbre os seus ombros...»

O jovem cubano fitou-me, como se fita o horizonte quando o pensamento se recolhe aos subterrâneos da alma e a vista perde o contacto com o cérebro... Depois, sem que os seus olhos se movessem ou descobrissem a consciência do que viam — falou — como um sonâmbulo ou um *médium* em transe...

Eis o que êle disse...

*
*
*
«— Porquê? Ah! Como os senho-

res aqui, na Europa, estão mal informados da angustiosa tragédia que se desenrola no meu país; da imensa crueldade e dos recursos infinitamente inquisitoriais do presidente Machado! Julga que basta fugirmos ao inferno, entricheirarmo-nos atrás das ondas dum oceano, perder de vista os tiranos — para que reconquistemos a liberdade, a calma, a ventura? Ah! O fogo dêsse inferno persegue-nos e não existe água suficiente no mar que possa sustê-lo! As suas labaredas têm uma elasticidade incalculável e a velocidade da luz...

«Um exilado, um foragido político—



O «terrorista», presidente Machado

não pode arrastar na aventura perigosíssima da sua evasão todos os entes que lhe são queridos! Deixa na pátria um irmão, o pai, a mãe, a esposa, a noiva... Mesmo que seja apenas uma mulher, sagrada pelo seu sexo, pelo amor, pela virtude, pela inocência... Não é preciso mais para que o exilado, o evadido, o que arriscou a vida pela liberdade — fique acorrentado ao ódio e à tirania dos seus algozes, escravo duma grilheta que lhe prende o coração, que

se desenrosca ao longo do oceano e que, à menor imprudência, ao menor gesto ou desabafo, será sacudido como uma rédea em mão de cocheiro brutal, obrigando o liberto a sofrer através da dor dos entes queridos que ficaram — seja a própria mãe, seja a própria esposa ou a própria noiva...

«O caso do estudante... é a ameaça bem clara que pesa sobre todos nós! O estudante Z..., em vésperas de se formar — assistiu à chacina bárbara de alguns camaradas, mais exaltados, que protestavam pelo platonismo de um vívório inofensivo, contra qualquer atitude violenta de Machado — e indignado, entrou num café, onde explodiu a sua indignação, sincera e justa, em termos fortes e em voz alta. Naquela mesma noite era prêso. O calvário dêsse pobre moço aflige como afligem todos os mártires! Corajoso, metamorfosado pelo azougue da revolta e pelo ardor de uma nova fé — consegue evadir-se e refugiar-se nos Estados Unidos onde se agrupa à conjura dos que procuram derrubar Machado pela revelação das suas proezas tirânicas! Da acção enérgica do estudante Z... se devem os inquéritos que os grandes reporters norte-americanos e ingleses fizeram sôbre os mistérios arripantes do terror branco de Cuba — até então oculto e ignorado pelos outros países. Machado sentiu que transparentavam a sua muralha de silêncio e trevas; sentiu o perigo da Verdade, da Luz, da Justiça — e soube quem era o adversário que estava provocando aquêlo perigo! Mas êsse adversário estava fora da zona onde êle poderia reduzi-lo à imobilidade e castigar ferozmente a sua audaciosa nobreza... Investigou — apurando então que o estudante Z... deixou, em Havana, a pobre mãe — uma velhinha que só vivia ao terno calor da paixão do seu filho... Era o bastante! Um dia arrancaram-na ao lar, enclausuraram-na, fotografaram-na no cárcere — e começaram a *chantage*... Ou Z... não só se calava e regressava a Cuba onde o esperava... a morte; ou sua pobre mãe sofreria por êle... Era tão monstruosa esta estratégia que Z... duvidou da sua autenticidade. Mas as fotos que lhe mandaram, — convenceram-no! Êle não hesitou... Sabe-se que regressou em Novembro a Havana

— mas ignora-se onde está o seu cadáver e que género de morte lhe deram! Pior ainda: desconhece-se o paradeiro da pobre mãe...

«Mas o caso do estudante Z... não é inédito! É um dos expedientes mais usados pelos scarpas de Machado! E eu deixei em Cuba minha mãe... e minha noiva! Compreende agora os motivos do meu temor «quando V. me disse saber que eu era cubano?»

*
*
«Falarei! E preciso que o mundo civilizado conheça as torturas a que está sujeito o povo cubano — mas é preciso que V. seja prudente. Não diga o nome de quem o informou...

«O povo cubano há muito que se revolta contra a tirania de Machado. O próprio exército está com o povo — e tem sofrido com êle os despotismos mais cruéis — crueldades que escurecem as dos janizaros do tzar, da Rússia. Pouco a pouco, Machado desarmou, desfez o verdadeiro exército e organizou uma milícia ou uma legião ou um bando — não se sabe bem — onde existem cubanos, mas onde predominam os aventureiros de todos os países. Quando não tem pretextos para realizarem chacinas públicas, em massa executam as vítimas, isoladamente, na traição das esquinas, na protecção da vista — ou invadem os lares e nos próprios lares das vítimas, como feras do banditismo puro, as fuzilam. Cair prisioneiro em Cuba, é estar condenado à morte.

Um episódio... no meio do terror Machadista — quando os scarpas temiam ainda dar o espectáculo público dos seus crimes — o presidente ordenou a prisão de cento e tantos adversários políticos, todos categorizados social e publicamente. Foram internados numa fortaleza — covil da tal legião internacional que defende o tirano. Passados meses as famílias dos presos deram o sinal de alarme. As informações que elas tinham obtido eram aflitivas! Interveio o embaixador americano. Abriu-se o inquérito... Os presos não apareciam... Por último Machado encontrou várias explicações... *inocentes* — para a morte de cada um dêles. O mais verosímil e preduro era isto: os presos — médicos, oficiais, estudan-

tes, etc. — tinham sido obrigados a caírem os muros da fortaleza — trepando a escadas de seis, sete e mais metros. Passava um janizaro... *distraído*, chocava-se com a escada; esta caía e com ela o infeliz que se empoleirava no alto — quebrando o crânio contra o solo. Somavam doze as vítimas dêste... *banal incidente*. — «Os estudantes tem sofrido mais do que quaisquer outros — a repressão constante e sangrenta de Machado! Só nos acontecimentos de dezembro — foram sacrificados algumas dezenas — entre os quais crianças de quinze anos e de menos ainda...

«A imprensa não está sujeita a um regimen de censura... legal. Para quê? Todos os jornais e jornalistas que não são da confiança de Machado — desaparecem... E Machado não exige apenas que não digam o que êle não quer. Exige que aplaudam a sua obra nefasta e cruel, que o defendam, que mintam! Houve um jornalista que teve a coragem de não publicar, na sua

gazeta, um artigo de lisonjeiras homenagens no dia dos anos do presidente — limitando-se a uma notícia de poucas linhas. Nessa mesma tarde invadiu a redacção um grupo de indivíduos que, sem uma palavra, o picou de balas»...

*
*
«Pobre povo cubano! A nossa única esperança é que os Estados Unidos, concededores do nosso inferno, auxiliem os nossos irmãos que, em terra norte-americana, preparam a queda de Machado. O povo cubano crê ainda na generosidade dos *yankees*... Foi um cubano que um dia disse: «Se a América no salvasse Cuba de a tirania — es a matrona que está à la entrada de New York dobraria sus riñones de blonce y ahogaria en las aguas del rio Hudson su fulgacho de la libertad»...

R. X

NO CORAÇÃO DO BRASIL

Em procura do coronel Fawcett

(Conclusão)

A caminho do Pará

Depois duma semana de espera, o que bastante beneficiou o nosso organismo seriamente abalado, apareceu emfim o vapor que nos havia de levar pelas águas impetuosas do Amazonas, até ao Pará, embarcando-nos não sem um suspiro de alívio, com uma tripulação composta de meia dúzia de preguiçosos «caboucos». Vogamos sempre perto da margem, diliciando-nos na contemplação, daquele arvoredo denso e quâsi virgem.

Chegando ao Pará, muito embora as nossas dificuldades ainda não estivessem vencidas, foi com regosijo que fomos encontrar as nossas bagagens e dinheiro, que os revoltosos para ali tinham enviado, desfazendo assim, a má impressão que em nosso espirito ficara, sôbre a sua honestidade.

Sem termos alcançado uma prova, que nos permitisse manter a esperança, de que o coronel ainda existia, é também um facto, que nada conseguíramos, que nos demonstrasse, a sua enexistência. Durante a expedição, muitas e variadas versões escutamos acêrca dêste caso, porém, tôdas dum certo ambiente de fábula, como se tratasse da inverosímil serpente do mar.

Entretanto, recolhemos alguns elementos, mais lógicos e adaptáveis, que guardamos, para agora fazermos as nossas apreciações.

Os primeiros, são do comandante «Dyott», que em 1928 realizou uma expedição, seguindo o mesmo caminho que Fawcett, de Cuzava para o rio de Kuluene. Aqui, o explorador foi informado pelos índios Kalapalas, que Fawcett e os dois, companheiros tinham atravessado o rio

— — Continua na página número 15 — —

Homens & Factos do Dia

(Conclusão)

Caldas da Rainha que morreu, de vergonha e de revolta, no Limoeiro — no próprio dia em que era preso o autêntico autor do crime pelo qual ele fora condenado; o «Moura» de Setúbal, que só conseguiu provar a sua inocência — na véspera do dia em que expirava a pena do degredo — e tantos, tantos outros...

Ah! Os dogmas sociais! Que é preciso apedrar-nos, com todas as nossas lágrimas e com toda a nossa força de homens honrados, dos desgraçados que são vítimas inocentes do ódio torvo e dos maus instintos dos seus semelhantes — quem o nega? Mas entre a fatalidade dos inocentes que caem numa cilada criminosa, sofrendo uma agonia, mais ou menos rápida, e o calvário dos outros inocentes que se finam na longa e angustiada agonia das penitenciárias — que imenso e fundo abismo!

S m! Sejamos piedosos e justos — mas para todos os desgraçados, para todos sem excepção. Era este o único dogma a que a sociedade se devia impor!

REPORTER X

A boa M.^{me} Pyeris

VEU agora nos nossos jornais, no anúncio de um hotel parisiense «preferido por todos os portugueses que vão de jornada até à capital francesa», um nome que revive no meu coração, as cruces de todas as ilusões da mocidade e que me amolece nessa voluptuosa nostalgia «de las noites alegres, que nunca volveron»... O nome de Madame Pyeris — dona do Hotel Pyeris... Foi esse hotel o meu primeiro hotel de Paris — o que me acolheu, trémulo de emoção, quando atravessei, pela primeira vez, os *boulevards*, enfaixados de anúncios luminosos, serpenteados por multidões cosmopolitas; foi desse hotel que eu parti para as primeiras peregrinações de Montmartre e Montparnasse, para as primeiras aventuras de Paris; foi nesse hotel que eu chorei os primeiros desenganos da grande capital — tão queridos hoje, na minha saúde, como as mais sabrosas recordações...

O Hotel Pyeris — era — é ainda hoje — um pedaço de Portugal em pleno Paris a dois passos de Poissinière, num recanto tranqüilo e silencioso da Rua du Conservatoire... Não sei porque — os portugueses começaram a frequentá-lo, a preferi-lo, a sentirem-se na sua terra — na sua casa, a tantos quilómetros da Pátria. Creio que foi na guerra que se produziu essa atracção... E Madame Pyeris — estava a vê-la alta, forte, enérgica e decidida, bela ajuda a pensar dos seus cabelos brancos, uma ternura especial pelos seus «petits portugais», uma ternura sincera, maternal, sem técnica interesseira — ao ver essa predilecção, *especializou se*, aprendeu o nosso idioma, expionou as nossas fraquezas, os nossos gostos, as nossas birras, como uma boa dona de casa vigiando a alma do espóso; impôs ao cosinheiro os segrédos culinários, dos nossos menus! Nos jantares de M.^{me} Pyeris, encontram-se sempre pratos portugueses, petiscos preparados à portuguesa!

Quantos portugueses não passaram pelo Hotel de M.^{me} Pyeris! Aventureiros que foram à

conquista da Torre Eiffel, que cheraram amargamente a sua derrota e a quem M.^{me} Pyeris perdoou gentilmente as contas por pagar! Oficiais da grande guerra, que vinham a Paris como a uma piscina de luz — lavarem a alma do lodo e do sangue das trincheiras — e que às trincheiras regressavam para nunca mais voltarem... E M.^{me} Pyeris, ao saber pelos que vinham, do trágico e heroico fim dos que tinham partido, abanava a sua linda cabeça de velha e contendo as lágrimas — dizia apenas: «Pouvre mere!»

É que ela também era mãe — e pensava na dor das mães portuguesas que perdiam os filhos em defesa da França!

Quantos portugueses não passaram pelo Hotel Pyeris! Norton de Matos, Gomes da Costa, Tamagnini de Abreu... Recordo-me, uma noite, após o jantar, ouvir atrás de mim, numa outra mesa da sala, uma discussão de negócio — negócio pelintira, a venda de uns pares de meias de seda! Voltei-me — e reconheci o negociante. Era Leote do Rêgo, exilado político, e sem direito ao seu soldo, que ganhava honradamente a vida — vendendo meias de seda!

Mas a melhor recordação que eu tenho do Hotel Pyeris — não são as loucuras, as ambições, as ardências parisienses dos meus vinte anos a arderem nas labaredas de Paris... Não! É que, foi nesse hotel que raiou a grande aurora dos meus amores — a minha primeira filha!

Que Saudades!

ESTEVAM AMARANTE

Estevam Amarante, é um cartaz; é um nome que rutila no tablado português; um nome criado — menos pela propaganda — que foi espontânea e justa — do que pela conquista do direito. A sua carreira no teatro e no cinema, marca pela galeria mais difícil da arte histórica: a da criação de *specimens* humanos. A sua temporada no Pôrto, foi das mais brilhantes, não só pelo seu esforço artístico, como pelo seu escrupulo na selecção de colaboradores e das peças.

Mas, Amarante está sendo vítima de um ri-



diculo equívoco, de uma minoria do público — *minoria*, porque a maioria aplaude-o e estima-o como o actor merece, (não nos interessa senão o actor...) É necessário que se acabe com a política pessoal e nefasta, que além de cruel e de inexplicável, vem prejudicando gravemente o actor... — e que, o que tem que ser amanhã — seja... *ontem*, como dizia o calmo clássico francês — monsieur de La Palisse... Era a paz dentro e fora dos bastidores — ou porque o público deixava de se meter onde não é chamado — e todos ficavam contentes... como sucede no último acto de certas peças de... teatro!

LUISA SATANELA

O Pôrto, prestando a Luisa Satanela, na noite da sua estreia no Carlos Alberto, uma espontânea, vibrante e entusiástica homenagem — cumpriu nobremente um dever. O teatro musicado português, deve a Luisa Satanela — parte da essência das suas melhorias, parte das



reformas que o enriquecem. Ela trouxe para o nosso teatro — o reflexo dos grandes teatros civilizados — e isto adaptando-se de alma e coração, como mulher e como artista, à nossa mentalidade, ao nosso sentimento — como se fosse portuguesa — de nascença...

A sua estreia, foi um verdadeiro triunfo. As *Arceias de Portugal*, agradaram sem reticências. Boa peça, melhor elenco... Dois bailarinos inexecutáveis:

Francis — um mestre, e Ruth, a sua *partenaire*, frágil e graciosa como uma boneca. As *girls* nacionais, que Francis ritmou — não desmerecem das virtudes do conjunto...

Pena é que provocasse tanta bisbilhotice de café — a vinda ao norte, da ilustre artista... E se Luisa Satanela... e mais alguém, aceitem os votos de... paz no tablado e fora dele — que este jornal lhes deseje — aos dois?

Espectadores Casamenteiros

O espectador, aquêle que paga o seu bilhete, tem a impressão, egoísta e exigente que, o dinheiro que gastou lhe dá o direito não só a assistir ao espectáculo como que os artistas se esfalham, no palco, como também a espreitar os dramas ou as farças que esses mesmos artistas representam na vida íntima. É, além de tudo, uma crueldade — porque qualquer outro indivíduo pode correr a pontapé o primeiro indiscreto que surpreenda a bisbilhotar pelo buraco da fechadura; mas, o artista vê-se na necessidade de se resignar ante todos os abusos do público — se não quer perdê-lo, ou seja perder o pão sagrado...

Exemplo flagrante — o romance de esse casal de artistas, agora divorciados e trabalhando isoladamente, cada um no seu teatro do Pôrto... O público não quer apreciá-los apenas pelos seus valores histriónicos. Aplaudes-os, discute-os, lisongea-os ou calunia-os pelo entredo do seu amor sacrificado e conforme o capricho da sua simpatia... Mais: não tolera essa separação — e ignorando as razões poderosas que ditaram o divórcio daquelas duas vidas, não se importando com a tragédia que disso pode resultar — esforça-se teimosamente, como sogras bem intencionadas, a restabelecer a paz do casal desavindo; preparam a sua nova aliança, o seu novo casamento!

Entre marido e mulher... — diz o ditado! Mas para esse enorme egoísta que é o público, os artistas não são de carne e osso. Tem dos artistas a mesma sensação das crianças, pelos brinquedos. E como as crianças não descançam enquanto não veem como os brinquedos são feitos por dentro — embora depois lamentem em alta choradeira o brinquedo estripado...

Tenham cuidado... Não vão partir a corda da alma — a esses dois artistas, porque depois o mal é irremediável...

POR DETRÁS DAS MÁSCARAS E DAS FOLIAS...

C O N C L U S Ã O

«nariz de cartão» afligia-o, ocultava-lhe parte do rosto, magoava-o, aborrecia-o como uma testemunha indiscreta... «—Vem comigo! suplicou-lhe». — E ela, reagindo de novo: «Não posso!» — «Tira então essa máscara ridícula — tornou o escritor» — «Nunca!» rugiu ela.

«A amanhecendo. — Ululavam as torres das igrejas... A polícia andava à cata das máscaras... O Carnaval terminou... O «Bébé» presente o perigo — quer fugir — mas é alguma com as suas garras fortes e nervosas... «Deixe-me! É melhor que eu parta...» — E ao mesmo tempo um guarda. «Então essa máscara não vai abaixo?»

«O que se passara então, foi rápido — fulminante. O escritor, como que obedecendo à ordem, ergue a mão e arranca, de surpresa, «o nariz de cartão»; e ao desvendando o mistério daquele rosto de olhos tão lindos e lábios tão maliciosos — foi galvanizado por uma corrente de horror! A «Bébé» tinha a hediondez de um cadáver em decomposição... Uma chaga roendo-lhe o nariz, cavara uma fossa enorme em pleno rosto, rôxo, infecta de podridões, nauseabundo, atafalhado de algódones que o púls coloria; rasgado até pouco acima daquela boca que lhe beijara com tanta guloseima e ardença... «—Perdão... Perdão... implorou ela! Não me batas! Tem piedade de mim. Eu não tenho culpa... Eu bem tentei fugir-te! E que só no Carnaval consigo gozar as mesmas emoções de amor, das outras mulheres; só no Carnaval, sob a máscara que oculta esta chaga maldita — é que eu sei o que é a carícia dum abraço, o feitiço de um beijo, a embriaguez dum boca máscara; só no Carnaval os homens me cortejam, me dizem galanteios, me perseguem, me querem... Perdão! Eu bem quiz evitar...»

«E foi respirado naquêlê traje de «Bébé» que João do Rio escreveu o seu conto...»

O sinal invisível de M.^{me} B...

«Espere... Agora me recorde de um outro drama de Carnaval — dum Carnaval recente... Eu era muito amigo de António B... e da mulher — a pobre Alice B... Conheceram-se de petizes, tinham traquinado ao meu côlo, assistira ao seu casamento, que era não uma promessa do Paraíso, mas a certeza da Ventura na Terra, para aqueles dois jóvens que se amavam, que eram puros e generosos, que decididamente mereciam a Felicidade a que aspiravam... A tragédia que V. não deve ter esquecido ainda, que intrigou toda a gente e que as más línguas — as «línguas de ponta-e-mola» anavalharam de suspeitas ignóbeis — teve como única razão — um capricho... carnavalesco — aliás inofensivo.

«António B... entrou-me pelo atelier e confidenciou-me: «Minha mulher, tem imensa curiosidade de conhecer o mistério de um baile de máscaras — que nunca viu... Resolvi contentá-la — e iremos esta noite ao Baile de..., como dois amantes fugidos... Arranje-me dois dominós negros, decentes, opacos, sobretudo, opacos, porque não quero que ninguém nos descubra. Seria um escândalo e a sociedade não sabe nunca compreender estas fantasias inofensivas — nem perdoar os que desobedecem às suas convenções... Só tu e a família de minha mulher, conhecem o segredo desta nossa aventura!»

Arranjei-lhe os dominós — e vi-o partir como uma criança, que prepara uma garrucha grãda... Foram, marido e mulher, isolaram-se numa mesa, bebericaram champanhe, bailaram de peitos tão colados, de rostos tão juntos, que uma suave sensação de ante-primeira posse, e idílio inédito, de namorados que se queimam

nos seus próprios desejos — os amolentava em ternura. A meio da madrugada, quando o champanhe, o clamor do baile, toda a barafunda da festa, os tornava mais felizes no isolamento da sua mesa acantoadá, acercou-se-lhe um dominó desconhecido que, dirigindo-lhes graças respeitadas, acabou por sobressaltá-los com a revelação dos seus verdadeiros nomes:

«—Tu és Alice B... e estás aqui com teu marido, numa escapadela a todas as convenções! Em compensação nunca saberás quem eu sou! E olha que eu conheço-te bem, quasi tão bem como teu marido. Queres uma prova? No teu ventre, à direita do umbigo, tens um sinal vermelho, como a pétala de uma flor exótica... Vês como eu sei?»

«O marido ergueu-se dum impeto — para castigar não sabia se um insulto, se um atentado anterior à sua hora... Mas o dominó escapulira-se, esfumara-se, desaparecera... A pobre Alice fitava, ansiosamente, através o loup, o loup do espôso que lhe ocultava a expressão do seu rosto... Ela não acertara ainda com o que se passara. Suspeitava que uma enorme fatalidade desabara sobre o seu destino, sobre o seu amor! Sabia, tinha a certeza — absoluta — a certeza da sua dignidade da mulher honesta, de espôsa virtuosa, sem uma abdicção, sem uma falha, que nenhum outro homem além do seu marido, podia conhecer os segredos do seu corpo... E contudo, aquêlê misterioso individuo dissera uma verdade — uma verdade que se assemelhava a uma denúncia — à denúncia dum crime, que ela não cometera! E que pensaria dele e dela — o marido? Que infernos de dúvidas, não ardiam agora naquela alma — tão venturosa até àquela noite, na paz do seu amor sem ventanias, nem ameaças?

«—Vamos! Vamos depressa! ordenou ele». «—Ela obedeceu-lhe, como um automato. Recolheram a casa — sem a coragem de trocar uma palavra... Ao chegarem à alcôva — ele separou-se de Alice. Pouco depois picou o silêncio da madrugada, um estampido seco... Correram para o escritório e deram com o pobre moço caído de borco, o rosto mascarado a vermelho, pelo sangue que lhe corria da ferida mortal, de uma fonte...»

Calou-se, o nosso entrevistado, mordendo nervosamente o cigarro. Sospensos uns instantes — rompemos, impacientes, o silêncio:

«—E ela?»
«—Pobre rapariga! Está no Hospital Conde Ferreira! Entrou para lá a seguir à tragédia! Endoideceu quando o pai — um dos poucos entes que estavam no segredo da sua ida ao baile — lhe confessou que fora ele quem sob o disfarce do dominó, os aborudara junto à mesa da ceia e que, reconhecendo-os pelos trajos que os vira vestir, antes de saírem de casa, os quisera intrigar, falando-lhes daquele sinal vermelho — como a pétala de uma flor exótica — que, como pai, lhe conhecera em menina... «Pobre Alice! É incurável a sua loucura! Precisam vestir-lhe o colête de forças! Toda a suatbirra, é arrancar da carne aquele sinal, que des ruiu para sempre a ventura de um grande amor...»

O negócio

«Mas é preciso não ser muito severo com o Carnaval! — prossegue V..., o costumier artista. — O Carnaval, é o pão salgado de muitas famílias. Existem mais de duas mil pessoas que, no fabrico e venda de bisnagas, confetis, de todas as munições que se queimam nas batalhas da folia, ganham o sustento para todo o ano. Quando o Carnaval, era ainda Carnaval — houve anos em que se venderam em todo o país, mais de trezentas mil bisnagas. Um dia tive a pachorra de rabiscar uns algarismos ditados pela minha experiência; e segundo esses cálculos estatísticos — deviam gastar-se para cima de mil contos, de norte ao sul de Portugal, nesses três dias de alucinação e de folia... E os proprios despojos do Carnaval — se transformam em vida para muita gente... Você não ignora o que lhe vou dizer

porque, creio, já escreveu em tempos, uma crónica sobre o assunto... Esses trapeiros especies do carnaval, que só surgem nas trez madrugadas de entrudo e levantam das valetas a lama policroma das serpentinhas e dos confetis — vão vendê-la, depois, aos fabricantes de caixões fúnebres — porque é com os restos da alegria pagã do Carnaval, que eles recheiam e afoam os leitões eternos dos mortos...»

Recordamo-nos, de facto, de essa velha crónica... Recordamo-nos também do comentário com que a rematávamos: «Quantas vezes aquêles que arruinam a vida no esfalfamento do Carnaval, não vão repousar sobre o lixo colorido, que foi a causa da sua própria morte?»

REPORTER X

No coração do Brasil

C O N C L U S Ã O

em 1925, entranhando-se nas selvas do Oeste, onde durante cinco dias, as vigias indianas, distinguiram as espirais de fumo, provocado pelas suas fogueiras. Davam uma triste certeza do que deve ter sido possivelmente, a sorte dos exploradores, as pantominas com que, acompanhavam, estes esclarecimentos; porém, muito embora Aloique, chefe dos índios Anaguas, pretendia insinuar que os causadores desse desastre foram os Kalapalas, isso não está provado, parecendo mesmo, ser falso.

A versão mais verdadeira, acerca deste misterioso desaparecimento, é aquêla que nos apresenta Mr. Petruccio arqueologista da expedição da Universidade de Filadelfia. Interrogando os índios Kalapalas, veio confirmar as conclusões de Dyott, pois embora as inquirições não falassem ainda do massacre, não deixaram de esclarecer o embrenhamento de Fawcett, no interior da selva.

Mais longe foram contudo, as nossas investigações, que sem provas, podem servir de base, para edificar uma opinião.

Falando um dia com Murika, chefe dum aldeia de Kalapalas, este declarou-nos, que combinara com os exploradores, segui-los, guiando-se pelas colunas de fumo das suas fogueiras e levando o resto dos mantimentos.

Ao contrário de todos os outros, garantiu ter visto esse fumo durante 11 dias, e quando chegou junto das cinzas delas, notou vestígios de massacre.

Revolta-se por atribuírem aos seus, esse atentado, que ele julgou praticado pelos Jarumás, índios aguerridos, que fazem largas cicatrizes nas feições, rasgando-as dos olhos aos ouvidos e de baixo das orelhas até à boca.

É também um depoimento deficiente e suspenso, se atendermos a que entre estes povos, a aritmética está posta de parte, não contando além de 5. Uma velhota nos garantiu, que os índios-assassinos devem ter sido os Jurumás; porém, facilmente chegar-se-á, a dar uma solução a tudo isto e sobretudo encontrar os exploradores, que à sete anos se infiltraram na selva, levando tam reduzidos mantimentos.

F I M

N. R. — Êste artigo e os anteriores, são a cópia fiel, dum expedição que partiu o ano passado de Londres em busca do coronel Fawcett e dos companheiros.

Entrando no Brasil, numa época em que a agitação era grande e os terrenos difíceis de calcular, lutou com dificuldades, que só uma grande tenacidade, tornaram possível vencer. Quando não trouxesse outra coisa, — a S. M. Imperial, — sobre o desaparecimento trágico, do coronel, trouxeram pelo menos a convicção absoluta, que, quer dum forma, quer doutra, Fawcett, morreu.

F. CAL

Novela Policial

Reaparece em breve, assim
como as emocionantes
aventuras do

“MOSQUETEIRO DO AR”

originais inéditos de

Reinaldo Ferreira



Reporter X

Brevemente:

Memórias de um

ex - morfínômano

em que será

descripta pelo

Reporter X

a vida dos que tomam morfina